



DOSSIÊ: A HERANÇA DA REFORMA: POR UMA LEITURA DA REFORMA
L'EREDITÀ DELLA RIFORMA: PER UNA LETTURA DELLA RIFORMA

DE LUTERO AOS POVOS INDÍGENAS: MOVIMENTO PROTESTANTE NO BRASIL

FROM LUTHER TO INDIGENOUS PEOPLES: THE PROTESTANT MOVEMENT
IN BRAZIL

*Drance Elias da Silva**

*Wellcherline Miranda Lima***

RESUMO

Nas primeiras décadas do século XVI, as tensões e conflitos estavam presentes no campo ideológico, religiosos e políticos na Europa. O continente europeu acorda com os ecos da martelada de Martinho Lutero na porta da Igreja de Wittenberg na Alemanha (1517) que propagou diversas ondas de mudanças no cenário, principalmente religioso. O protestantismo chega ao Brasil através das missões oriundas da Igreja Cristã Reformada em contato com os indígenas de forma fugaz com os colonos franceses no Rio de Janeiro (1555-1567) e os holandeses no Nordeste (1630-1654) para o qual esses colonos trouxeram o modelo teológico oriundo da Reforma. Na segunda metade do século XIX, o protestantismo retorna com as missões e a fundação de igrejas no Nordeste, inclusive em Pernambuco (1872) com as presenças indígenas nos cultos e reunidos em pequenas assembleias. O estudo revela a condição promovida pelas missões protestantes aos indígenas em adesão ao protestantismo, bem como o seu impacto na

* Possui Pós-doutorado pela Escola Superior de Teologia - RS (Faculdades EST), Doutorado (2006) e Mestrado (2000) em Sociologia pela Universidade Federal de Pernambuco (UFPE). Bacharelado em Filosofia (1989) pela Universidade Católica de Pernambuco (UNICAP) e Bacharelado em Teologia (1989) pelo Instituto de Teologia do Recife (ITER). Atualmente é professor adjunto da Universidade Católica de Pernambuco - Mestrado em Ciências da Religião e do Bacharelado em Teologia. Tem experiência na área de Sociologia da Religião e Teologia. Atua principalmente nos seguintes temas: Teoria da dádiva, Sociologia da Religião, Sociologia do dinheiro e sua relação com a Religião, Religião e Mudança Social. Líder do Grupo de Pesquisa (CNPq) Religiões, Identidades e Diálogos. E mail: dranceelias1991@gmail.com.

** Doutoranda e Mestra em Ciências da Religião pela Universidade Católica de Pernambuco, na linha de pesquisa: Campo Religioso Brasileiro, Cultura e Sociedade, no Eixo temático: Identidade e Religião. Licenciada em História pela Universidade Católica de Pernambuco e licenciada em Ciências Biológicas pela Universidade Federal de Pernambuco. Atualmente é chefe de unidade pela Superintendência de Política Educacional Indígena, na Secretaria de Educação de Pernambuco. Atua nos seguintes temas: Políticas Públicas para a Educação Escolar Indígena e a Lei nº 11.645/08 sobre a Temática Indígena na Educação brasileira. E mail: wellcherline@yahoo.com.br.



**DOSSIÊ: A HERANÇA DA REFORMA: POR UMA LEITURA DA REFORMA
L'EREDITÀ DELLA RIFORMA: PER UNA LETTURA DELLA RIFORMA**

reformulação do referencial de identidade na junção dos dois mundos religiosos. Para isso, propomos apresentar a repercussão dessa ação protestante no meio da população indígena.

Palavras-chave: Reforma; Missão Protestante; Povos Indígenas.

ABSTRACT

In the first decades of the sixteenth century, tensions and conflicts were present in ideological, religious and political field in Europe. The European continent agrees with the echoes of the hammer blow of Martin Luther in the church door at Wittenberg in Germany (1517) that propagated several waves of change in the scenario, especially religious. Protestantism arrived in Brazil through the missions originated from the Christian Reformed Church in contact with indigenous fleetingly with the French colonists in Rio de Janeiro (1555-1567) and the Dutch in the Northeast (1630-1654) in which these settlers brought the theological model derived from the Reformation. In the second half of the nineteenth century, Protestantism returns with the missions and church planting in the Northeast, including Pernambuco (1872) with indigenous presence in worship and gathered in small assemblies. The study reveals the condition promoted by Protestant missions to indigenous accession to Protestantism, as well as its impact in reshaping the identity of reference at the junction of two religious worlds. For this, we propose the repercussions of this Protestant work among the indigenous population.

Keywords: Reform; Protestant mission; Indian people.

INTRODUÇÃO

Conceber os primeiros passos sobre o tema dos 500 anos da Reforma e a sua propagação do Protestantismo dentro do universo religioso dos indígenas implica fazer algumas indagações e dilemas sobre o assunto. A necessidade de realizar preliminares dessa abordagem subsidiará a restrição da temática em dimensões oportunas e vinculadas à finalidade deste artigo.

Pretende-se averiguar os efeitos posteriores da Reforma através do Protestantismo, promovendo, como destaque, a relação entre Protestantismo e os indígenas. Considera-se que a Reforma emergiu após as mudanças no cenário religioso, entre elas: tradução da Bíblia e o

princípio de que “a salvação vem somente pela graça, somente pela fé e somente por Cristo”, conforme disse Lutero¹.

O Protestantismo, especialmente com o projeto colonial oriundo do Colonialismo na América, possibilita maior proximidade com outros grupos étnicos chamados na época de gentios, ou seja, os indígenas.

Segundo Roberto E. Zwetsch destacou, era o momento do encontro dos dois mundos no âmbito religioso que provocou a fusão no campo da fé enquanto confiança no “Deus da vida”, no “Deus que cria o mundo e ressuscita dos mortos”, e levanta a hipótese que deveria ser mais desenvolvida em outra ocasião, que tem uma nova arquitetura no processo teológico (SIDEKUN, 1997, p.179). Essa transformação atingiu o censo religioso contemporâneo.

Este artigo apresenta as atividades nas missões protestantes através das crônicas dos viajantes missionários com os indígenas das redes na atual sociedade, ocupa-se do modo como a comunicação através do universo teológico acolhe, ressignifica e transfere conteúdos que tradicionalmente são da esfera religiosa.

A priori, assume-se a hipótese de que a expressão religiosa da Igreja Cristã Reformada, ao entrar no universo indígena, expõe um processo de significativa mutação e, mesmo com as novas configurações no meio Protestante, por exemplo, os pentecostais, também houve mudanças sobre a relação do ser humano com a divindade, que permite inéditas formas de expressão da religiosidade.

O estudo também mostra o tema das representações e das relações de poder no protestantismo e a postura indígena. Além disso, como são estabelecidas estas representações e relações na estrutura interna religiosa sendo necessário explicitar, através de alguns dados históricos e sociológicos do período da chegada e da consolidação do protestantismo no Brasil, principalmente no período que abrange sua implantação e expansão geográfica com os indígenas. Com isso, contribui para a formação da identidade ético-religiosa dos grupos indígenas.

¹ O filme *Lutero* foi produzido nos países da Alemanha e Estados Unidos, e sob a direção de Eric Till, em 2003. A obra cinematográfica de caráter histórico e biográfico que mostra a vida e atuação de Lutero contra as práticas adotadas pela Igreja Católica na época que proporcionou a Reforma Protestante.

A Reforma Protestante de 1517, promovida pelo monge agostiniano e teólogo Martinho Lutero, está próxima de celebrar os seus 500 anos. O ato inicial do movimento se deu numa ampla reforma de caráter religioso, que promoveu a origem das denominações protestantes.

A nova estrutura religiosa proposta e publicada por Lutero tem como base a interpretação da Sagrada Escritura, ou seja, a Bíblia. E considerava que o alcance das bênçãos divinas, bem como o da vida eterna, não seria através das boas obras ou quaisquer méritos humanos. Tudo isso deveria ser gratuitamente oferecido por Deus aos homens, sendo essa a formação básica da doutrina do protestantismo.

O protestantismo chega ao Brasil em contato com os indígenas, de forma fugaz com os colonos franceses no Rio de Janeiro (1555) e os holandeses no Nordeste (1630-1654) para os quais esses colonos trouxeram o modelo teológico oriundo da Reforma.

Na segunda metade do século XIX, o protestantismo retorna com características peculiares ao pentecostal e promove a fundação de igrejas no Nordeste, inclusive em Pernambuco (1872), aproximando-se dos indígenas, reunidos em pequenas assembleias.

O estudo nos revela o protestantismo e os indígenas no atual cenário brasileiro através do aporte instrumental do Censo 2010. Neste estudo censitário, será visto o crescimento do protestantismo, inclusive dentro das aldeias indígenas.

Para isso, propomos apresentar a repercussão das marteladas de Lutero que propagaram no Brasil, focando através da análise histórica das missões e aldeamentos, em diversas regiões e em diferentes épocas no meio da população indígena.

1. PROTESTANTISMO EM SEUS PRIMEIROS PASSOS NA AMÉRICA PORTUGUESA

Os precursores, entre eles o inglês John Wycliffe no século XIV, deixaram o legado de abertura para um novo movimento religioso. A Reforma chegava com o intuito de mudanças de paradigmas enraizados pela Igreja Católica ao longo dos séculos no período medieval e nos primeiros anos da Modernidade.

O século XVI é cenário da Reforma Protestante, que gerou grandes tensões e conflitos no continente europeu entre os católicos e protestantes. Os atos aplicados pela instituição católica

ganhavam as indagações do ex-monge e teólogo Martinho Lutero, que levou a examinar as Escrituras Sagradas e logo promoveu a tradução na qual defendeu, entre outros argumentos, a Salvação pela fé.

Com as portas marteladas na porta da Igreja de Wittenberg, afixando as 95 teses contra os atos da Igreja Católica, na manhã de 31 de outubro de 1517, Lutero promoveu o marco de quase 500 anos: a chamada Reforma Protestante.

A expansão do movimento religioso, começando na Alemanha e espalhando-se pelos demais países do continente europeu, despertou, na Igreja Católica a necessidade de promover a Contrarreforma.

A consequência da Contrarreforma foi o surgimento do projeto de evangelização organizado e estruturado para difundir a fé cristã católica com atuação da Companhia de Jesus e o apoio dos países mercantilistas Portugal e Espanha, a fim de “recuperar os números de adeptos à salvação através das obras”.

Os protestantes também fundaram a Igreja Cristã Reformada com os princípios do reformista João Calvino para a dilatação da fé.

O projeto colonial também seguia naquele contexto europeu, sem a permissão dos nativos da chamada “nova terra”², para a exploração das terras, recursos naturais e o uso mão de obra escrava. Católicos e protestantes desbravavam caminhos para implantar a sua religião.

Logo, destacamos também o interesse dos protestantes na implementação da sua religião nas demais terras distantes e colonizadas por eles.

O uso da mão de obra indígena no projeto colonial, que movia o interesse da Coroa portuguesa pelo nativo da região por ser o detentor das propriedades geográficas e dos usos dos recursos naturais presentes na natureza. Destacamos que a ideologia do projeto colonial seguia em paralelo com a destruição da estrutura cultural dos povos indígenas, sendo que um dos alvos eram as religiões indígenas.

² Há fontes primárias com registros referentes ao nome América como “Nova Terra”.

Portanto, o projeto colonial, conforme se constatou, não foi simples, natural e de fácil aceitação. Os índios definiram e redefiniram, muitas vezes, os caminhos e a dinâmica da colonização.

2. A IGREJA CRISTÃ REFORMADA E OS CONTATOS COM OS INDÍGENAS

Ainda nos primeiros anos da colonização no Brasil, marcada pela dinâmica do projeto político e econômico da Coroa portuguesa, houve interesse dos franceses e dos holandeses³ no litoral da Colônia Portuguesa, o registro da chegada do protestantismo e o contato com os indígenas.

Os registros da missão protestante na França Antártica, conforme João Marcos Santos (SANTOS in: BRANDÃO, 2001, p. 220), mostra o projeto desejado dos colonos franceses e o interesse de levar a conversão aos indígenas. Santos mostra ainda que a colonização francesa promoveu o acesso ao protestantismo através da presença de “Dois pastores, Pedro Richier e Guilherme Chartier, escolhidos pelo próprio Calvino, acompanharam a expedição. Os primeiros relatórios remetidos a Genebra davam conta de conversões entre os colonos e entre os índios” (Idem, p.220).

As relações entre os franceses e os indígenas no contexto religioso são descritas em crônica por Jean de Léry (1536-1613), pastor calvinista que acompanhou um grupo de protestantes numa viagem à França Antártica.

O pastor Léry relatou o seu encontro com os indígenas e o tratamento cortês dos nativos com o grupo missionário que esses caracterizaram os nativos, “chamados de Tupinambás e aliados ao nosso país” como aculturados e da necessidade de investimento da expansão do conhecimento do “deus verdadeiro”. E mais:

Quando se propõe a falar da religião dos índios, ou melhor, do tema da religião em relação aos índios, assim se expressa: Embora seja aceita universalmente a sentença de Cícero de que não há povo, por mais bruto, bárbaro ou selvagem que não tenha ideia da existência de Deus [...] [os tupinambá] além de não terem conhecimento algum do verdadeiro Deus, não adoram qualquer divindade (LÉRY, 1961, p.185).

A particularidade da religiosidade indígena é relatada pelo cronista Léry quando menciona a personalidade dos Caraíbas na sociedade indígena, esses são considerados como curandeiros e

³ A invasão francesa proporcionou a fundação da França Antártica no Rio de Janeiro (1555-1567) e, posteriormente, a fundação da França Equacional no Maranhão (1612-1613). A invasão holandesa em Pernambuco e nas demais capitanias adjacentes (1630-1654).

mediador do mundo transcendental. Esses, que mais comumente eram tomados como uma espécie de sacerdotes, eram identificados pelos europeus como os grandes inimigos no processo de evangelização dos índios.

Os selvagens admitem certos falsos profetas chamados caraíbas que andam de aldeia em aldeia como os tiradores de ladainhas e fazem crer não somente que se comunicam com os espíritos e assim dão força a quem lhes apraz, para vencer e suplantar os inimigos na guerra, mas ainda persuadem terem a virtude de fazer com que cresçam e engrossem as raízes e frutos terra do Brasil. (Idem, p. 167).

Segundo o cronista Léry (1961), os caraíbas não passavam de enganadores e mentirosos que alienavam os indígenas com falsas crenças e falsos valores. Diante disso, as palavras de Léry, registradas durante a missão reformada, concede-nos o sentido a esses sacerdotes que “[...] Só poderia dar uma ideia exata desses caraíbas comparando-os aos frades pedintes que enganam a nossa pobre gente e andam de lugar em lugar com relicários [...] ou outros objetos de idolatria” (Sic. Ibidem, p.192).

O período de dominação holandesa destacou também, apesar da existência da tolerância religiosa entre os colonos, o projeto de evangelização e recrutamento de almas para a expansão da igreja cristã reformada.

Segundo Ribas (2007), os holandeses tinham o conhecimento da catequização católica desenvolvida por mais de um século sobre os povos indígenas e que esse método pedagógico ajudou a inserir o cristão reformado⁴ dentro do contexto da religião indígena.

Aos indígenas já havia sido anunciado o Deus dos cristãos, pelas ordens religiosas da Igreja Católica Apostólica Romana. Um sistema de homologias já havia sido criado: Deus era Pai Tupã... Conceitos, vocábulos, dogmas já tinham sido estabelecidos. Uma pedagogia construída. Um projeto catequético já construído (RIBAS, 2007, p. 23).

A religião protestante tinha algo em comum com os mitos e crenças dos indígenas como as passagens bíblicas do dilúvio, a imortalidade, ressurreição humana, espírito e a crença em algo superior, ou seja, transcendental.

⁴ Ribas (2007, p.24) informa que o indígena Felipe Camarão se converte ao calvinismo e fez o intercambio na Holanda e aprendeu a língua nacional daquele país; também se torna o maior líder indígena da igreja reformada.

De acordo com Ribas, há uma deficiência de estudos e pesquisas, bem como a limitação de documentos pertinentes ao tema no que se refere ao encontro cultural religioso entre os colonos holandeses e os indígenas.

3. AS ESTRATÉGIAS DO PROTESTANTISMO NO MUNDO INDÍGENA E AS ESTRATÉGIAS DA MANUTENÇÃO CULTURAL-RELIGIOSA PELOS POVOS INDÍGENAS

A historiografia nos mostra as estratégias utilizadas pelos colonos franceses e pelos holandeses para os indígenas aderirem ao protestantismo, entre as quais pontuamos:

- o uso dos referenciais teológicos e antropológicos que se aproximam do modelo religioso comum dos indígenas;
- o intercâmbio de indígenas para a França e a Holanda a fim de esquecerem a sua língua e facilitar para os novos conhecimentos, ou seja, a educação cristã protestante;
- criação de internatos para as crianças indígenas para distanciar das religiões do seu povo;
- os aldeamentos criados pelos católicos jesuítas também foram implementados pelos colonos franceses e holandeses que facilitaram a introdução à educação cristã protestante, evitando grandes deslocamentos e garantindo a morada para atender às regiões adjacentes.

Na discussão anterior, foram apresentadas as aproximações da Igreja Cristã Reformada com os povos indígenas através das crônicas dos viajantes estrangeiros que vieram para difundir a “verdadeira fé”.

No entanto, para a afirmação dos atos dos protestantes dentro do mundo indígena de fato foram promovidas as mesmas estratégias dos jesuítas com a metodologia dos referenciais teológicos e antropológicos, chamada de tradução (POMPA, 2003), por exemplo, o Deus dos cristãos no elemento religioso indígena: o Pai Tupã.

Para Cristina Pompa, destacam-se outras aproximações teológicas cristã e as indígenas sobre “[...] extraordinário fervor com que os indígenas se submetiam às flagelações durante a Semana Santa [...]” (2003, p. 401).

Segundo Grunzinski e Mazzoleni (GRUNZINSKI; MAZZOLENI in: POMPA, p. 405), a capacidade própria dos indígenas reelaborava o seu próprio mundo.

Para Cristina Pompa, a reelaboração dos elementos dos colonos, no caso a “verdadeira fé”, era traduzida pelos indígenas como um modo de “rearticular os sistemas de significados a partir de campos semânticos conhecidos” (POMPA, 2003, p. 409).

Outro caminho aplicado pelos colonos franceses e holandeses para facilitar a difusão da igreja reformada era o intercâmbio de jovens indígenas e o internato de crianças indígenas, métodos esses que geram o mal-estar nos povos indígenas.

Entende-se que, na cultura indígena, a criança deve permanecer com o seu povo para que essa seja conduzida através da educação indígena, detentora dos saberes tradicionais, e do imaginário do mundo indígena, que deve ser cristalizado ao longo do processo da sua formação e crescimento.

Outro ponto de questionamento das lideranças indígenas era o retorno desse jovem indígena após a formação longe do seu povo, período no qual perdia parte da sua formação como os ritos, mitos e crenças do seu povo.

O método do aldeamento foi o procedimento mais bem-sucedido na convivência entre colonos missionários e indígenas, o que garantiu a existência nos tempos atuais.

Segundo Edson Silva (2008), os aldeamentos e as relações interétnicas proporcionaram a inserção de novos elementos culturais e religiosos nos povos indígenas e completa dizendo que

Como foi visto os atuais povos indígenas em Pernambuco e no Nordeste, são resultados de deslocamentos de grupos nativos que foram concentrados em missões religiosas, e que devem ser compreendidos no quadro amplo das relações do mundo da Colonização portuguesa. Os aldeamentos, todavia, não representaram o fim dos grupos indígenas, mas novas possibilidades de reelaborações de suas expressões culturais e da identidade étnica (SILVA, 2008, p.189).

As reelaborações culturais e religiosas promovem uma dinâmica própria das relações étnicas e interétnicas, a qual proporciona a soma de novos elementos e práticas culturais e também religiosas. Cristina Pompa nos remete ao processo de reelaboração:

[...] os grupos “Tapuia”, os Janduí foram os que mais se adaptaram à realidade colonial, não nos termos de uma passiva aceitação do controle do europeu e de perda de seus traços culturais (a “aculturação”), mas nos de uma releitura e reelaboração destes traços para participar em posição partidária (POMPA, 2003, p.282)

O aldeamento era o núcleo de povoamento instalado pelos missionários próximos aos povos indígenas com a finalidade de implementar a estrutura colonial da Metrópole “com novas práticas políticas e culturais” (ALMEIDA, 2010, p. 72), sendo a religião um dos instrumentos de grande valia para o projeto colonial.

Ainda sobre o conceito de aldeamento, esclareça-se que era uma residência fixa dos missionários na qual se dava a convivência com os indígenas para inserir a doutrina da “verdadeira fé”, excluindo os vícios e as práticas consideradas impróprias.

A administração da aldeia, segundo Maria Regina Celestino de Almeida, era gerenciada por um número pequeno de três a quatro religiosos para “centenas ou milhares de índios”. Era, pois, imperativa a habilidade dos missionários no sentido de conhecer “os aspectos culturais dos índios para, a partir deles, introduzir as mudanças necessárias” (Idem, p. 91).

E acrescentamos: “agiram como grandes incentivadores de uma nova cultura construída no cotidiano das aldeias, onde antigas tradições se articulavam com as novas práticas culturais e políticas que introduziram” (Ibidem).

4. O PROTESTANTISMO NOS TEMPOS DO IMPÉRIO

O Brasil Imperial estrutura o seu instrumento e ordenamento jurídico através da Constituição de 1824, sendo a religião Católica como a única legitimada naquele período.

Art. 5. A Religião Catholica Apostolica Romana continuará a ser a Religião do Império. Todas as outras Religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior do Templo (Sic. BRASIL, 1824, grifo nosso).

No entanto, para as demais religiões, houve a abertura de promoverem os cultos conforme a orientação da lei; e segundo o Art. 179, Inciso V que diz: “Ninguém póde ser perseguido por motivo de Religião, uma vez que respeite a do Estado, e não offenda a Moral Publica” (Sic).

A pequena abertura oriunda da Constituição Imperial foi à condição oportuna para a grande expansão missionária protestante, pois Boanerges Ribeiro disse que: “Quando se proclamou a Independência, contudo, ainda não havia igreja protestante no país. Não havia culto protestante em língua portuguesa. E não há notícia de existir, então, sequer um brasileiro protestante” (RIBEIRO, 1973, p. 18).

Diante disso, a missão protestante se lança com nova configuração dentro do cenário religioso no Brasil Imperial com a implementação de igrejas, entre elas, na região do Nordeste.

A estrutura física das igrejas e mais as missões ganharam uma nova dinâmica no mundo protestante, segundo Clayton: “[...] Bíblias chegavam em grandes quantidades, e desde cedo. No período 1825-1830; Edmund Temple distribuiu muitos exemplares das Escrituras em viagens” (Ibidem, p. 447).

Segundo Joyce Clayton, diz, tanto em Pernambuco quanto no Rio de Janeiro houve, após a distribuição das Bíblias, a mudança de comportamento no sentido religioso o qual proporcionou o interesse pela leitura dos versículos e a libertação das tradições medievais e eclesiásticas. E mais:

[...]. Em 1822, 1400 Testamentos e 676 Bíblias em português chegaram em Pernambuco[...] E é mister lembrar que a Sociedade Americana também havia assumido estas regiões enormes, como sua parcela na obra de esclarecimento e educação. Que existia um desejo sem dúvida. Em Pernambuco as Bíblias foram admitidas isentas de tarifas na alfandega e distribuídas a “multidões de pretendentes” (Ibidem, p. 447, grifo nosso).

Segundo Clayton a fundação da “primeira igreja evangélica em língua portuguesa” (Idem, p.451) foi no Rio de Janeiro (1858) e em seguida Pernambuco (1872) dando o início da expansão de igrejas do Protestantismo no território de língua portuguesa chegando ao interior das províncias Imperial.

Neste contexto, as igrejas protestantes com aparência de residência promoviam cultos com a presença da população mestiça, como brancos, negros e impregnação dos grupos indígenas, que, devido à perda das terras⁵ e o fim dos aldeamentos, foram morar em centros urbanos em busca de trabalho e habitação, mesclando-se dentro do universo populacional.

Consideramos que, após a tradução da Bíblia por Lutero, a invenção da imprensa, bem como a Revolução Industrial, propagou a expansão e distribuição do texto sagrado. Além disso, a tradução bíblica assumiu “o significado na língua profana de todos os povos protestantes” e que “é um produto da Reforma” (WEBER, 2004, p.72).

⁵ Lei das Terras (1851) de iniciativa do Governo Imperial (1821-1889) que regularizou através de registro em cartório a propriedade privada no Brasil.

Outra ação missionária protestante no século XIX foi a educação através da escola dominical nas igrejas. Conforme Max Weber, essa ação da educação religiosa foi a “direção conferida à educação pela atmosfera religiosa de origem da casa paterna” (Ibidem, p. 73) atendeu ao público regular e permanente no calendário semanal.

5. “CREMOS QUE O CRIADOR-DE-TODOS-OS-POVOS TEM UM PROPÓSITO AO NOS COLOCAR DE PÉ”: ÍNDIOS PROTESTANTES NA CONTEMPORANEIDADE⁶

A encruzilhada histórica do Protestantismo e os povos indígenas no Brasil ainda estão presentes nos dias atuais, refletindo no cenário apresentado pelo Censo 2010 em que os indígenas se identificaram como cristãos evangélicos.

A Constituição Cidadã de 1988 proporcionou a liberdade de expressão religiosa e que, nessa seara, José Afonso da Silva comenta:

Na liberdade de crença entra a liberdade de escolha da religião, a liberdade de aderir a qualquer seita religiosa, a liberdade (ou o direito) de mudar de religião, mas também compreende a liberdade de não aderir a religião alguma, assim como a liberdade de descrença, a liberdade de ser ateu e de exprimir o livre agnosticismo. Mas não compreende a liberdade de embaraçar o livre exercício de qualquer religião, de qualquer crença, pois também a liberdade de alguém vai até onde não prejudique a liberdade dos outros (SILVA, 2002, p. 248).

Dessa maneira, a proteção não se limita somente à possibilidade de objetivação do pensamento religioso, estendendo-se também aos locais da prática de liturgias, assegurando aos religiosos a liberdade. Além disso, impõe-se ao Estado a obrigação de não restringir o exercício regular dos cultos religiosos, concedendo a ampliação para o movimento missionário protestante.

O Censo 2010 nos apresenta a dinâmica religiosa entre os povos indígenas com a intervenção dos meios de comunicação e a proximidades dos territórios ou a migração dos indígenas para os centros urbanos que proporcionou a soma de novas variantes do âmbito religioso.

Segundo Elizabeth Pissolato (2013), os números censitários mostram, nos anos de 1990, 2000 e 2010, crescimento populacional dos povos indígenas, principalmente nos Estados da Bahia, do Mato Grosso do Sul e Pernambuco.

⁶ Declaração de Pakuêra (1994), na aldeia Pakuêra do povo indígena Bakairi (MT) oriundo do encontro de tradições e de igrejas cristãs e missionário evangélico.

Além disso, a formação da etnogênese indígena, principalmente na região Nordeste, marca o retorno dos povos às suas terras através das lutas e conquista, e o grandioso encontro com a mãe natureza.

Os dados sobre o protestantismo nas comunidades indígenas estão presentes no instrumento censitário, que mostra o crescimento protestante na população indígena nos anos de 1990 com 13%, em 2000 para 19,9% e cresce mais no censo 2010 para 25% de indígenas evangélicos.

Os indígenas foram identificados nas cidades e nos territórios indígenas próximos a grandes centros urbanos. A antropóloga Pissolato nos concede outro direcionamento:

[...] o crescimento do número de evangélicos entre os indígenas, assim como alguns autores apontaram na abordagem deste crescimento como uma tendência geral para a população brasileira, tal expansão parece estar vinculada à capacidade de alcance que as igrejas evangélicas, em sua forma se organização que se multiplica e espalha [...] (PISSOLATO, 2013, p. 246, grifo nosso).

Segundo Robin Wright (2004) e ainda Pissolato (2013), a atuação missionária das igrejas protestantes⁷ atende, também, à dinâmica de tradução da bíblica e a sistematização de materiais pedagógicos para as línguas maternas⁸ com a atuação, por exemplo, *Summer Institute of Linguistics* (SIL).

As políticas indigenistas junto com o movimento indígena e ações promotoras no âmbito educacional e de saúde nas aldeias são outros investimentos realizados pelas missões protestantes, principalmente pelo GTME (Grupo de Trabalho Missionário Evangélico) conforme o I Encontro de Religiosidade Indígena e Religiosidade Cristã (1994), organizado pelo GTME com os representantes dos povos indígenas Guarani (ES), Terena (MS), Guarani Kaiowá (MS), Krenak (MG, SP), Kaingang (RS), Xokleng (SC) e Bakairi (MT).

A finalidade do encontro foi o diálogo entre as crenças, tradições e tempos diferentes do âmbito teológico.

⁷O filme *Brincando nos Campos do Senhor*, oriundo dos Estados Unidos, foi dirigido pelo cineasta Hector Babenco, em 1991. A obra cinematográfica de ordem dramática apresenta o contato dos missionários protestantes com os indígenas na Amazônia.

⁸O Censo 2010 revela que há 305 povos indígenas e 274 línguas maternas. Disponível em <<http://indigenas.ibge.gov.br>>. Acessado: 14 set. 2016.

O caminho da adesão dos indígenas ao protestantismo é visto por muitos como uma dialética e antagônica do modelo tradicional ao segmento religioso protestante.

No entanto, para análise desse movimento de índios evangélicos deve compreender as condições históricas e o universo teológico se aproxima dos povos indígenas e o protestantismo, assim como, as condições que o Estado atende as políticas públicas para as causas indígenas.

Segundo Wright (2004), há três afirmações para a chamada “conversão” indígena ao protestantismo, sendo elas: “a conversão como reforma moral-política” associada às trocas ou “economias simbólicas da alteridade” (Cf. VIVEIROS DE CASTRO, 1992, p. 34) dentro da relação da cosmologia indígena com a igreja protestante.

A segunda afirmação do antropólogo Wright é chamada de “conversão e reforma do cotidiano” gera aproximação dos líderes protestantes com a liderança indígena a fim de uma ideologia de fortalecimento da identidade e das relações étnicas e inter-étnicas. Por exemplo, a Declaração de Pakuêra (1994) é o documento que mostra a declaração da igreja protestante em relação aos pajés:

Na relação das tradições espirituais indígenas com as igrejas cristãs, ficou evidenciado que não cabe a inimizade ou tratamento como adversários. Nós pastores evangélicos presentes reconhecemos as imposições das igrejas e missionários sobre os pajés e as tradições ancestrais e declaramos a pedir a Deus para continuar guiando os pajés e dando mais visões a eles para orientarem nossos povos num caminho cada vez melhor (ZWETSCH, 1997, p.185).

O documento também revela a relação dos pajés com a igreja nesse diálogo inter-religioso:

Nós, pajés presentes, declaramos que nunca recusamos os ensinamentos da Bíblia e as orientações de Jesus, mesmo quando sofremos condenação dos missionários. Reconhecemos também na fé cristã manifestações da vontade que está no coração de Deus e nos preocupamos em tratar com carinho e generosidade os que aceitam a religião cristã (Ibidem).

Na terceira e última tese, que trata da “conversão e fidelidade”, estão as estratégias da tradição religiosa indígena de manter a fidelidade à Igreja protestante.

Essa atitude é muito presente nas comunidades indígenas no Nordeste, pois esses indígenas estão na fase da etnogênese na sua afirmação identitária.

Outra situação diz respeito à dependência de alguns povos indígenas que necessitam de auxílio das igrejas devido às estiagens e secas prolongadas no semiárido.

A manutenção da moral e dos costumes da tradição religiosa indígena é um dos pontos de dificuldade da igreja protestante quanto ao objetivo de inserir os novos hábitos no mundo religioso indígena.

O mundo religioso indígena dispõe de mitos e ritos que expressam outra lógica para a sua ordem e estrutura social, os quais garantir a manutenção da tradição e a própria reprodução dos hábitos.

Dentro de um sistema globalizado com as nuances das igrejas protestantes e com os seus contextos locais e missões, nota-se que, à medida que o protestantismo se aproxima do mundo indígena, há uma ação diferenciada no seu desenvolvimento mediante as estruturas que são encontradas dentro do âmbito da diversidade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Segundo Ronaldo Almeida, a palavra “missão” no âmbito religioso é “qualquer atividade que vise à salvação de um indivíduo [...] do dever de propagar o Evangelho àqueles que não conhecem” (2004, p.33).

Consideramos que as marteladas de Lutero propagaram as ondas do evangelho em terras e sociedades longínquas e proporcionaram o novo cenário no continente europeu e posteriormente no mundo.

O cenário do continente europeu, nos primeiros anos da Reforma, tornou-se tenso e conflituoso nas questões religiosas entre católicos e protestantes que, chegada à América Portuguesa não somente de uma nova colonização francesa e holandesa mais da “verdadeira fé”.

A administração da França Antártica por Villegagnon (1555- 1559) e a presença dos Holandeses no Nordeste (1624-1645) proporcionaram os primeiros passos do protestantismo em terras longínquas da original e com novas adesões, a dos indígenas.

As crônicas registradas pelo pastor calvinista Jean de Léry, a presença de protestantes, como Pierre Richier e Guillaume Chartier e de outros documentos na abertura para Liberdade

religiosa na administração de Maurício de Nassau (1624-1637) na América Portuguesa mostram a impressão de novas práticas religiosas.

Entretanto, o processo de evangelização da “verdadeira fé” para os povos indígenas, nos primeiros séculos no Brasil, deu-se através das complexas relações, que também consideramos imposições e que incluíram também negociações para a afirmação da “nova fé”.

Os métodos implementados para a propagação da “nova fé” são oriundos dos jesuítas cristãos que, anos antes da chegada dos missionários protestantes, já haviam inserido recursos pedagógicos e estratégias de manutenção da doutrina.

O aldeamento foi a estratégia mais eficaz na aproximação e no apoio das lideranças indígenas. Além disso, tem tido um papel importante na inserção dos elementos básicos da nova fé.

Consideramos que a falta de expansão e continuidade no processo de evangelização do protestantismo no período do Brasil colonial deu-se por algumas razões:

- Ausência de interesse da metrópole, no caso a França, de continuar nos investimentos nas colônias conquistadas França Antártica e França Equinocial;
- O fato de o continente europeu estar passando por conflitos intensos por questões políticas, ideológica e religiosa;
- A prevalência do projeto colonial (interesses econômicos) endossado por administradores nas colônias francesa e holandesa sobre a abertura para a propagação da verdadeira fé.

No Brasil Imperial, a missão protestante ganha algumas oportunidades de expansão e progressão no território brasileiro.

Os indígenas imersos nas políticas de mestiçagem com as perdas das suas terras para os latifundiários e com o fim dos aldeamentos ficaram diluídos na população brasileira, mas há os registros de sua participação nos cultos das igrejas protestantes nos grandes centros urbanos.

A Constituição Cidadã (1988) e o Censo mostram a dinâmica do fenômeno religioso nas tradições indígenas e a liberdade e atuação das agências das igrejas protestantes no mundo religioso indígena.

Consideramos que a própria dinâmica das igrejas protestantes em benefício da globalização e os meios de comunicação favoreceram o contato e aproximação com os povos indígenas, atendendo as necessidades atuais dos grupos étnicos.

Ressaltamos as palavras do antropólogo Eduardo Viveiros de Castro (1992) que frisou a capacidade dos povos indígenas de absorver o outro sem anular a si mesmos. Ou seja, participam da doutrina cristã reformada e inserem os seus próprios significados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Regina Celestino de. **Os índios na História do Brasil**. Rio de Janeiro: FVG, 2010.

ALMEIDA, Ronaldo de. **Traduções do fundamentalismo evangélico**. In: WRIGHT, Robin M. Transformando os Deuses: igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Vol. II. São Paulo: UNICAMP. 2004, p. 33-53.

BRASIL. **Constituição Política do Império do Brasil** (1824). Disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Constituicao/Constituicao24.htm>. Acessado em: 21 jul. 2016,

CLAYTON, Joyce Elizabeth Winifred Every. **A inserção do Protestantismo no Nordeste**. In: Brandão, Sylvana. História das Religiões no Brasil. Recife: Editora Universitária UFPE, 2001, p. 443-483)

GRUZINSKY, Serge. **La colonisation de l'imaginaire: sociétés indigènes et occidentalisation dans le Mexique espagnol – XVI e XVIII siècle**. IN: POMPA, Cristina. Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial. São Paulo. Edusc, 2003. 405p.

LÉRY, Jean. **Viagens a Terra do Brasil**. Trad. Sérgio Milliet. Belo Horizonte: Editora Biblioteca do Exército, 1961.

MAZZOLENI, Gilberto. **Verso il diverso**. IN: POMPA, Cristina. Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial. São Paulo. Edusc, 2003. 405p.

POMPA, Cristina. **Religião como tradução: missionários, Tupi e Tapuia no Brasil colonial**. São Paulo. Edusc, 2003.

PISSOLATO, Elizabeth. **“Tradições indígenas” nos censos brasileiros**. In: TEIXEIRA, Faustino; MENEZES, Renata (Org.). Religiões em Movimento: o censo de 2010. Petrópolis, RJ: Vozes; 2013, p. 235-265.

RIBAS, Maria Aparecida de Araújo Barreto. **O Leme espiritual do navio mercante: a missão calvinista no Brasil holandês (1630-1654)**. Tese de Doutorado em História Social. Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007.

_____. **Edificando sobre fundamento alheio: a catequese calvinista no Brasil colonial (1630-1654)**. Londrina. Simpósio Nacional de História – História guerra e paz. ANPUH, 2005.

RIBEIRO, Boanerges. **Protestantismo no Brasil monárquico**. São Paulo. Pioneira, 1973.

SANTOS, João Marcos Leitão. **Protestantismo e missão indígena no Brasil**. In: BRANDÃO, Sylvana (Org.). *História das Religiões no Brasil*. Vol. 01. Recife: Editora Universitária UFPE, 2001. 214-235 pp.

SILVA, Edson. **Expressões da Cultura Imaterial Indígenas em Pernambuco**. In: GUILLEN, Isabel C. M. (Org.). *Tradições & traduções: a cultura imaterial em Pernambuco*. Recife, EDUFPE, 2008, p.215-230

SILVA, José Afonso. **Curso de direito constitucional positivo**. 21 eds. rev. ampl. São Paulo: Malheiros, 2002.

ZWETSCH, Roberto E. **Perspectivas de diálogo entre fé indígena e fé cristã**. In: SIDEKUN, Antônio (org.). *O imaginário religioso indígena*. São Leopoldo: Unisinos, 1997. 173-188pp.

VIVEIROS DE CASTRO, Eduardo. **O mármore e a murta**: sobre a inconstância da alma selvagem. *Revista de Antropologia*. São Paulo: USP, v, 35, 1992. 21-74pp.

WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

WRIGHT, Robin M. **Transformando os Deuses**: igrejas evangélicas, pentecostais e neopentecostais entre os povos indígenas no Brasil. Vol. II. São Paulo: UNICAMP, 2004.